

## **TV VERDE ARAGUAIA: Jornalismo científico e ambiental em uma experiência audiovisual**

Ana Carolina de Araújo SILVA<sup>1</sup>

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná

Eveline Teixeira BAPTISTELLA<sup>2</sup>

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Tangará da Serra, Mato Grosso

### **Resumo**

O presente artigo traz um relato sobre a experiência da fase mais recente da TV Verde Araguaia, com reportagens produzidas no ano de 2015. Pretendemos também, a partir da análise de uma das reportagens produzidas, discutir a articulação entre telejornalismo, jornalismo científico e jornalismo ambiental como forma de democratizar o conhecimento sobre meio ambiente e promover o envolvimento cidadão nas questões ecológicas locais. A TV Verde Araguaia, ou simplesmente TVVA, foi criada em 2014, pela acadêmica Suelen de Alencar e Silva, em seu programa de estágio curricular obrigatório, já com a proposta de ser uma Web TV, dentro da Agência Focagen (Agência Júnior de Jornalismo da Unemat).

**Palavras-chave:** Jornalismo; Ensino de Jornalismo; Telejornalismo; TV Verde Araguaia.

### **INTRODUÇÃO**

**M**ato Grosso carrega consigo dois títulos conflitantes. De um lado, é um dos estados em que a natureza mais sofre ações predatórias: impulsionado pelas cadeias produtivas agropecuária e madeireira, está incluído no chamado arco do desmatamento (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2008, p.284). Mas é também uma das unidades da federação que mais concentra locais apontados como “paraísos ecológicos” propícios para contemplação e interação com a natureza. Ao norte, o estado é porta de entrada do bioma Amazônico. Ao sul, está o Pantanal, maior planície alagável do mundo, um complexo de 160 mil km<sup>2</sup>, dos quais 130 mil km<sup>2</sup> ficam inundados durante os meses de chuva e que contém uma das faunas e floras mais exuberantes da Terra (MITSCH; GOSSELINK, 2015, p.76). Atravessando as regiões Leste, Sudeste, Centro-Sul e Noroeste, encontra-se a zona típica de Cerrado, a savana tropical mais rica do planeta em biodiversidade (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2008, p.133).

<sup>1</sup> Ana Carolina de Araújo Silva, docente do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da Universidade Federal do Paraná e Doutora em Comunicação. [anacarolaaraujosilva@gmail.com](mailto:anacarolaaraujosilva@gmail.com).

<sup>2</sup> Eveline Teixeira Baptistella, docente do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso e Mestre em Estudos em Cultura Contemporânea-ECCO, [evelineteixeira@unemat.br](mailto:evelineteixeira@unemat.br).

Na cidade mato-grossense de Alto Araguaia, localizada no extremo Sul, mais exatamente na divisa com Goiás, esta dualidade se repete. Terra de cachoeiras praticamente intocadas, como a Couto Magalhães, e contando ainda com razoável distribuição de espécies – entre elas lontras, tamanduás-bandeira, tucanuçus e araras Canindé e Vermelha, o município se ressentia da falta de consciência ambiental. Um problema que se reflete na degradação dos principais rios da região, como o Boiadeiro e o Araguaia, hoje afetados pelo assoreamento e tomados por esgoto, lixo e demais formas de poluição.

Situações de desequilíbrio ecológico fazem parte da rotina do município. Até março de 2018, a cidade permanecia sem estação de tratamento de água. O caramujo africano, vetor de doenças como a meningite eosinofílica, é endêmico na cidade, assim como é fácil encontrar animais domésticos abandonados e vítimas de maus tratos. Resíduos sólidos perigosos, como baterias e componentes eletrônicos, são jogados fora de maneira irregular pela população, que desconhece os perigos da contaminação e os meios de descarte corretos. Localizada em uma região de lavouras, o município ainda mantém áreas verdes, mas dentro da cidade, o corte irregular de árvores e as podas radicais são livremente admitidos, reduzindo o conforto microclimático que poderia ser proporcionado pela vegetação (OLIVEIRA, 2008, p.27).

A contextualização mostra um quadro assustador, mas não muito diferente daquele encontrado em outros pequenos municípios brasileiros – segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Alto Araguaia tem cerca de 17 mil habitantes. O que estas informações têm de único é o fato de terem sido todas percebidas como pautas por estudantes de jornalismo da Unemat (Universidade do Estado de Mato Grosso) – Campus Alto Araguaia. Mais especificamente jovens que participam ou participaram do projeto de extensão TV Verde Araguaia, um programa audiovisual veiculado pela Internet e produzido por alunos bolsistas e voluntários que têm como objetivo utilizar o telejornalismo para promover a conscientização ambiental.

O presente artigo traz um relato sobre a experiência da fase mais recente da TV Verde Araguaia, com reportagens produzidas no ano de 2015. Pretendemos também, a partir da análise de uma das reportagens produzidas, discutir a articulação entre telejornalismo, jornalismo científico e jornalismo ambiental como forma de democratizar o conhecimento sobre meio ambiente e promover o envolvimento cidadão nas questões ecológicas locais.

A

77

## A TV VERDE ARAGUAIA

A TV Verde Araguaia, ou simplesmente TVVA, foi criada em 2014, pela acadêmica Suelen de Alencar e Silva, em seu programa de estágio curricular obrigatório, já com a proposta de ser uma Web TV, dentro da Agência Focagen (Agência Júnior de Jornalismo da Unemat). Seu conteúdo é disponibilizado tanto numa página própria no YouTube ([www.youtube.com.br/tvva](http://www.youtube.com.br/tvva)) quanto no site da Focagen ([focagen.wordpress.com](http://focagen.wordpress.com)) – Campus Alto Araguaia. Em seu início, a TVVA foi idealizada para servir de campo de estágio, sob supervisão da Professora Doutora Ana Carolina de Araújo Silva, que na época era docente do Curso de Jornalismo da Unemat. Nesta primeira etapa, foram produzidos três programas com duração entre dois e cinco minutos: o piloto (que explicava os objetivos do programa), o segundo sobre ecoturismo na região de Alto Araguaia e o terceiro sobre reciclagem de lixo. Além da aluna, o estudante Ronaldo Borges participou desta fase, atuando como repórter e apresentador. A escolha pela pauta ambiental deveu-se ao fato da região ter muitas riquezas naturais, mas contar com poucos espaços na mídia local que tratassem deste tema.

Orientada por esta mesma realidade, em 2015, teve início uma nova fase da TV Verde Araguaia. A web TV se transformou em subprojeto da Focagen e, a partir de 2016, tornou-se projeto de extensão. Coordenada pela Professora Mestre Eveline Teixeira Baptistella e tendo a Professora Ana Carolina de Araújo Silva como membro, a TVVA adotou a perspectiva de que a preservação ambiental passa pela disseminação de informações que promovam a conscientização popular. O objetivo é produzir matérias que apresentem atitudes simples, que possam ser adotadas pelo público em geral, provocando impacto na realidade local.

A equipe 2015 teve oito integrantes fixos, que efetivamente participaram da produção das reportagens. Alunos das disciplinas de Telejornalismo II e III, ministradas pela coordenadora, também produziram pautas dentro do projeto, pois viam na TVVA uma oportunidade de apresentarem seus trabalhos a uma audiência mais ampla, já que os jornais laboratório costumam se restringir ao público interno.

Metade da equipe era formada por estudantes dos primeiros períodos, que se identificavam com o telejornalismo mas não tinham passado por nenhuma disciplina teórica ou prática sobre a área. Por isso, eles participaram de oficinas sobre produção audiovisual e telejornalismo, ministradas pela coordenadora do projeto. Esta formação se mostrou indispensável, pois alguns alunos desconheciam até mesmo as características mais básicas do telejornalismo, como as etapas de edição de uma reportagem. Por este motivo, o leque

de pautas também foi ampliado, com a cobertura de alguns eventos acadêmicos, como forma de promover a preparação dos estudantes para o trabalho de reportagem.

## METODOLOGIA E MATERIAIS

Devido ao perfil heterogêneo dos alunos participantes, foi criada uma divisão de tarefas em que a troca de experiências fosse privilegiada. Os alunos menos experientes atuam geralmente na produção e no apoio das reportagens, sob supervisão da coordenação e dos colegas que já cursaram as disciplinas de telejornalismo - estes atuam como repórteres e editores de texto. Dois alunos, especificamente, já contavam com conhecimentos de cinegrafia: um deles era formado em radialismo e outro tinha experiência prática. Assim, era possível formar, a cada reportagem, uma equipe com, no mínimo, dois repórteres, um cinegrafista e dois produtores.

A proposta da TV Verde Araguaia é que os alunos sejam familiarizados com a estrutura de produção de notícias das principais redes de TV, contribuindo para sua formação profissional. Por isso, as etapas do processo de planejamento e execução das reportagens buscaram seguir, num primeiro momento, os mesmos padrões do telejornalismo diário. A proposta era que fosse realizada uma matéria a cada 15 dias, mas com a gravação da reportagem feita toda na mesma tarde e a edição também sendo realizada em um período somente.

No entanto, esta estratégia não foi levada adiante por questões técnicas e de disponibilidade dos participantes. Além de dividirem o tempo com outras disciplinas e projetos, os alunos tinham pouca experiência, o que se refletia na realização dos trabalhos, especialmente no momento da redação do *off*, ou seja, o texto da reportagem televisiva.

Foram utilizadas duas câmeras Cannon T2i e, em alguns casos, imagens de celular e de câmera fotográficas portáteis. Foram utilizados microfones unidirecionais com fio. Em algumas gravações, os alunos utilizaram um aplicativo de celular que transformava o aparelho e o fone de ouvido, em uma espécie de microfone de lapela. No entanto, a técnica exigia sincronização posterior do áudio e tornava a edição mais complexa e demorada. Por isso, esta estratégia foi utilizada somente poucas vezes. As animações foram feitas com o software After Effects e a edição, no Adobe Premiere.

Assim, para se adequar à realidade dos estudantes e ao tempo disponível, a produção foi bem menor. O trabalho previa a seguinte metodologia:

a) Reunião de pauta – Paternostro (2006) destaca a importância da pauta bem produzida para a realização da reportagem de TV. Seguindo o modelo recorrente nas redações de telejornais, todos os envolvidos traziam suas sugestões e, juntos, debatiam

qual dos assuntos apresentados seria transformado em reportagem. Neste ponto, é importante frisar que os estudantes eram instados a analisar as características da notícia para TV e verificar se suas propostas realmente se adequavam à produção televisiva. Conforme Lima e Barbeiro (2002), o telejornalismo tem uma série de especificidades técnicas, como a preocupação com a imagem, a necessidade de entrevistados e a inteligibilidade imediata. Algumas pautas, por exemplo, apesar de muito boas, acabavam não sendo executadas por falta de informações ou de possibilidade de tomada de imagens.

b) Produção – a partir da decisão da pauta, dois estudantes ficavam responsáveis por marcar as gravações, reunir informações e redigir a pauta. O material era revisado pela equipe da coordenação do projeto, que corrigia eventuais problemas ou acrescentava dados que fossem necessários.

c) Reportagem – no telejornalismo diário, uma equipe costuma produzir, no mínimo, duas reportagens por período de trabalho. No projeto, conforme a prática mostrou, as gravações se prolongavam por vários dias para se adequar às possibilidades dos entrevistados e dos próprios estudantes. No entanto, as diversas saídas ‘para rua’ eram vistas como positivas pois representavam oportunidades de prática para os alunos.

d) Redação – Barbeiro e Lima (2002, p. 132) lembram que o repórter deve escrever e gravar seu texto logo após a conclusão do trabalho de reportagem e deixar um relatório completo para a chefia de reportagem e o editor. No caso do projeto, a maior dificuldade apresentada para os alunos consistia justamente em redigir os *offs*, pois os demonstravam pouco domínio do texto para audiovisual. Todos se mostravam extremamente empolgados na hora de gravar suas passagens, que é o momento em que o repórter aparece no vídeo. Entretanto, o mesmo não se traduzia na hora de escrever a reportagem em si. Inclusive, uma grande reportagem, sobre as cachoeiras da região, permanece em produção, assumida por alunos da turma de 2016, pois os estudantes que participaram do projeto em 2015 não fizeram o texto, apesar de receberem orientação para realizar a tarefa. Para que este problema não se repetisse, hoje, os alunos que não cumprem com suas atividades são desligados.

e) Edição de texto – Os textos finalizados eram analisados pelos alunos como um todo e a edição ficava a cargo de um dos estudantes que já tinha cursado telejornalismo II. A edição final ficava sob responsabilidade da coordenação do projeto.

f) Edição de imagens e efeitos - A edição sempre apareceu como um tema que interessava a todos os alunos, mas apenas dois alunos participaram efetivamente do

processo e aproveitaram a oportunidade para aprender a utilizar os softwares Adobe Premiere e After effects, este último utilizado para fazer animações.

g) Divulgação – o conteúdo pronto era disponibilizado nas páginas da TVVA no *YouTube* e da Focagen. Alguns materiais foram apresentados em eventos da própria Unemat, contando com boa receptividade por parte da comunidade acadêmica.

## RESULTADOS

Foram produzidas 10 reportagens, mas apenas cinco foram concluídas e veiculadas na Internet. Além da matéria sobre as cachoeiras, que continua em produção, quatro VTs foram perdidos por problemas técnicos, principalmente na captação de áudio.

Da produção que foi concluída e levada ao ar, vamos analisar mais aprofundadamente o VT Caramujo Africano.

### VT Caramujo Africano

A reportagem Caramujo Africano trata de um problema que atinge a cidade de Alto Araguaia e também o município vizinho, Santa Rita do Araguaia (GO): a infestação pelo *Achatina Fulica*, conhecido como caramujo africano. A pauta foi proposta pelos alunos a partir do referencial teórico do telejornalismo e da sociologia do cotidiano, mais marcadamente a proposta de estranhamento do que é habitual na sociedade (PAIS, 2005). Assim, uma das integrantes do projeto sugeriu que fosse feita uma matéria sobre terrenos baldios nas duas cidades. Apesar de ser um grave problema de saúde pública, a situação era considerada normal pela população, independentemente dos transtornos que provocava.

A partir desta ideia, os estudantes decidiram focar na questão do caramujo, pois ele encontra condições ideais de reprodução nestes terrenos e a apuração com o responsável pelo controle de zoonoses de Alto Araguaia mostrou que as pessoas não sabiam como lidar com o animal, correndo risco de contaminação, já que o caramujo africano pode transmitir doenças como a meningite eosinofílica e a angiostrongilíase abdominal. O trabalho de produção da pauta incluiu ainda visitas a locais de infestação e mostrou que além do risco provocado pelos terrenos baldios sujos e a manipulação incorreta do animal na hora de matá-lo, havia o perigo de contrair doenças por meio do consumo de vegetais mal higienizados.

Segundo Victor (2009, p.170), o jornalismo ambiental “(...) nasceu cobrindo tragédias e denunciando os abusos de um modelo de desenvolvimento econômico considerado socialmente perverso e ambientalmente insustentável”. Foi justamente o impacto dos desequilíbrios ecológicos na vida das pessoas comuns que pavimentou o caminho para que esta especialidade adquirisse um viés multidisciplinar. Para Bueno, “a

A

multiplicidade tem impacto na própria cobertura do meio ambiente pela mídia, de tal modo que se pode contemplar matérias em vários cadernos, editoriais ou veículos (cidades, política, economia, ciência e tecnologia, saúde, etc)". (BUENO, 2007, p. 35). Buscando adequar esse conceito à produção telejornalística, a reportagem utilizou o tema para levar diversas informações à população. Dentre elas, a importância de se manter os terrenos limpos, os cuidados que deveriam ser tomados ao matar o caramujo e o modo correto de lavar os alimentos. Para isso, foram entrevistados profissionais de saúde pública da região e utilizadas informações da Fundação Oswaldo Cruz.

Para completar, os alunos foram até alguns pontos de Santa Rita do Araguaia para gravar entrevistas com a população. Ao todo, foram quatro tardes de gravações. A fase de gravação da reportagem representou um aprendizado prático muito rico para os estudantes, pois a maioria se dizia constrangida em ter que abordar pessoas nas ruas ou gravar com especialistas. Enfrentando os medos na prática, eles acabaram travando contato com a população – inclusive conversaram com diversos moradores e até foram convidados a entrar em casas com infestações - e eliminaram ainda o sentimento de intimidação que tinham diante de figuras que identificavam como autoridades públicas. Na avaliação dos estudantes, este momento representou a compreensão do papel do jornalista na sociedade, reformulando a sensação que tinham de que “incomodariam” as pessoas.

Para os discentes, foi ainda uma oportunidade de aperfeiçoar a prática do texto telejornalístico de forma desafiadora. Como o tema abordado trazia a complexidade de uma gama de informações científicas que, a princípio, deixavam o conteúdo mais hermético, foi necessário desenvolver um texto claro e que alcançasse de forma indistinta um público bastante heterogêneo, como é próprio da TV e da Internet. Sodré (2000) afirma que uma das características da TV é a superficialidade da informação e este aspecto preocupou os integrantes do projeto, que traziam consigo alguns preconceitos sobre o telejornalismo, pois alguns acreditavam que o conteúdo seria passado de forma “incompleta” nas reportagens televisiva. O trabalho de redação e edição abriu a chance de mostrar que o cuidado com os dados e a busca pela precisão e correção estão presentes em todas as formas de jornalismo praticado com responsabilidade e compromisso.

Algumas informações, como os tipos de doenças, os mecanismos de transmissão e os procedimentos corretos a se adotar em relação à infestação, eram bastante complexas e foi preciso buscar uma adequação à linguagem telejornalística, que preconiza clareza, simplicidade e objetividade (BARBEIRO; LIMA, 2002). Para alcançar este objetivo, o

projeto utilizou as bases do jornalismo científico, que tem como missão “(...) decifrar o código fechado da linguagem dos cientistas e torná-lo acessível para o homem comum. Isso inclui não só adaptações de linguagem, mas também critérios de seleção das informações publicáveis” (BAPTISTELLA, 2012, p.4).

Entre as estratégias para tornar o material compreensível para diversos segmentos da população, os alunos optaram por utilizar animação e redigir offs que, apesar de utilizarem termos técnicos, traziam também, em seguida, explicações simplificadas sobre o que estava sendo informado.

Duas alunas atuaram como repórteres, mas apenas uma participou da edição de texto da matéria, juntamente com um colega que ficou responsável pela edição de imagem. Este trabalho foi realizado de forma relativamente rápida, em apenas uma tarde. No entanto, a pós-produção, que incluía a produção da animação, demorou cerca de duas semanas, já que o discente teve que aprender do zero a utilizar o programa After Effects. Os alunos envolvidos na edição externaram a importância do trabalho de coleta de imagens, pois como o VT tinha cerca de cinco minutos, foi preciso muito material para cobrir os offs. Este é um aspecto que muitos alunos não levam em conta na sala de aula e se traduz em reportagens que não são concluídas pela falta de imagens suficientes. Com isso foi valorizado também o papel do profissional de radialismo que, na prática, responde pela captação e edição de imagens.

## CONSIDERAÇÕES

A TV Verde Araguaia representa uma oportunidade de aliar o aprendizado teórico à prática e proporciona aos alunos uma nova visão do campo televisivo. Com mais informações sobre telejornalismo e a oportunidade de atuar na produção de matérias, os alunos viram seu interesse por este segmento aumentar. Inclusive, nove estudantes que passaram pelo projeto estagiaram em afiliadas das emissoras Globo, SBT e na TV Jataí. Além disso, a fundadora do projeto atuou como repórter da afiliada do SBT, em Tangará da Serra, na região Sudoeste de Mato Grosso, e uma das ex-integrantes é repórter da afiliada da Record em Lucas do Rio Verde.

Outro aspecto importante trabalhado no projeto é a questão do relacionamento entre os integrantes do grupo. O telejornalismo é um modelo de produção de conteúdo que interliga obrigatoriamente diferentes pessoas (produtor, repórter, cinegrafista, editor, entre outros) e o resultado final depende do comprometimento e cooperação entre todos

eles. Os alunos se conscientizaram rapidamente da necessidade desta harmonia para que o produto tivesse qualidade.

Além da contribuição para a formação e o desenvolvimento profissional dos estudantes, a TVVA também buscou cumprir as funções do jornalismo ambiental de acordo com o preconizado por Bueno (2007):

A **função informativa** preenche a necessidade que os cidadãos têm de estar em dia com os principais temas que abrangem a questão ambiental, considerando o impacto de determinadas posturas (hábitos de consumo, por exemplo), processos (efeito estufa, poluição do ar e água, contaminação por agrotóxicos, destruição da biodiversidade, etc.) e modelos (como o que privilegia o desenvolvimento a qualquer custo) tem sobre o meio ambiente e, por extensão, sobre a sua qualidade de vida. A **função pedagógica** diz respeito à explicitação das causas e soluções para problemas ambientais e à indicação de caminhos (que incluem necessariamente a participação dos cidadãos) para a superação dos problemas ambientais. A **função política** (aqui entendida em seu sentido mais amplo e não obviamente restrita a sua instância meramente político-partidária) tem a ver com a mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental (BUENO, 2007, p. 35-36).

Estas funções foram alcançadas especialmente porque o VT demonstrou a importância da participação da população no combate ao problema e também provocou impacto social, pois nas duas cidades as Prefeituras se mobilizaram para notificar os proprietários de terrenos baldios mal conservados. Um dos locais mostrados na reportagem, inclusive, era um prédio público de Santa Rita do Araguaia que foi limpo antes mesmo da matéria ser finalizada.

Entre 2016 e 2019, o projeto contou com a participação de 29 alunos e o grupo é renovado todos os anos. Neste período, foram produzidos oito reportagens e um documentário. A proposta atual é produzir duas grandes reportagens por semestre e realizar uma oficina de qualificação por semestre.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTELLA, E. SIMPÓSIO NACIONAL DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 2., 2012, Campos. **Cultura da Mídia x Cultura Científica: a experiência de uma revista digital de jornalismo científico.** Campos: Uenf, 2012. 14 p. Disponível em: <<http://uenf.br/eventos/simposiojc2012/files/2012/11/EVELINE-Simpósio1-Revista-Fapemat.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV.** Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2002.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e meio ambiente**, Curitiba, n.15, p. 33, 2007.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (São Paulo). **Almanaque Brasil Socioambiental.** São Paulo: Isa, 2008.

MITSCHE, William J.; GOSELINK, James G. **Wetlands.** 5. ed. New Jersey: John Wiley & Sons, 2015.

OLIVEIRA, Aguinaldo Gentil. **AValiação das temperaturas superficiais do solo em relação à conformação urbana existente na praça do aeroporto Marechal Rondon em Várzea Grande/MT.** 2008. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Física e Meio Ambiente, Instituto de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008.

PAIS, José Machado. **Sociologia da vida cotidiana.** Teorias, métodos e estudos de caso. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo.** Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2006.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala: função e linguagem da TV no Brasil.** Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

VICTOR, Cilene. Sustentabilidade: pauta jornalística ou marketing verde? In: Victor, Cilene; Caldas, Graça; Bortoliero, Simone (org.). **Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável.** São Paulo: All Print editora, 2009. pp. 15-30

**Artigo recebido em 17/08/2019 e Aprovado para publicação em 09/09/2019.**

A

85